

Condensações de artigos de interesse permanente

Copyright © 1970 da Editora Seleções do Reader's Digest S. A.



A Destruição de Diana

Condensado de uma série da UNITED PRESS INTERNATIONAL
LUCINDA FRANKS E THOMAS POWERS

Diana Oughton foi uma moça rica que se tornou revolucionária fanática. Criada numa família carinhosa e muito unida, e educada nas melhores escolas, ela foi uma professora dedicada aos seus alunos, uma abnegada voluntária de um programa quacre e, nos seus últimos anos, uma terrorista que queria destruir tudo isso. Dois repórteres da United Press International, Lucinda Franks e Thomas Powers, passaram semanas recolhendo os elementos desta história quase inacreditável da vida e da violenta morte de Diana.

QUANDO DIANA OUGHTON, de 28 anos, foi sepultada em sua cidade natal, no dia 24 de março de 1970, a família e os amigos reunidos diante do seu túmulo não sabiam quem ela era. Sabiam apenas, pelo parco noticiário dos jornais, que Diana e dois rapazes tinham morrido em consequência da explosão de uma bomba que destruíra uma casa de

Nova York no dia 6 de março. Duas moças, com as roupas rasgadas, saíram correndo do prédio que desmoronava e desapareceram depois de se refazerem numa casa vizinha. A polícia levou quatro dias para encontrar o corpo destroçado de Diana, e mais uma semana para identificá-la.

Diana e os outros eram membros do grupo revolucionário extremista

conhecido como "Weatherman". Havia transformado aquela casa no que a polícia descrevia como uma "fábrica de bombas". Meses depois seriam acusados num processo como participantes de uma conspiração nacional para fazer explodir edifícios públicos, sobretudo da polícia e militares, em sua campanha para destruir a sociedade americana.

Poucas pessoas em Dwight, Illinois (população de 3.086 habitantes), poderiam relacionar êsses fatos com a Diana da qual se lembravam. O pai dela, James Oughton, vira-a desgarrar-se de uma família amorosa e de uma vida em que as coisas belas eram importantes. Outros recordavam a moça de cidade pequena que crescerá cercada pela fartura—um lar luxuoso, instrução superior e gente que a amava e a estimulava a ser no mundo tudo o que quisesse ser. Fôra a estudante universitária jovial, ligeiramente avoada, dedicada professora numa aldeia pobre da Guatemala, e, finalmente, uma Diana que ninguém em Dwight realmente conhecia ou compreendia—a mulher séria, de cabelos tosados, cujas fotografias se encontravam nos arquivos policiais de pelo menos duas cidades.

Diana nunca deixara de amar os seus familiares, mas a bomba que acidentalmente a matou estava destinada, em última análise, a matá-los e a todos iguais a êles. A revolução pela qual ela morreu despojaria o pai dos seus 800 hectares de terra, faria ir pelos ares o seu banco e destruiria num minuto o nome e a posição que

tinham sido construídos durante um século.

"**Cofre Forte**". O avô materno de Diana foi um dos fundadores do Movimento Escoteiro americano. Seu avô paterno construiu o Instituto Keeley, o primeiro a tratar o alcoolismo como doença. Seu pai foi deputado estadual de 1964 a 1966. Preeminentes durante décadas, os Oughton pavimentaram as ruas de Dwight, construíram a rede de água, forneceram terrenos para escolas e campos de esporte. A mansão dos Oughton, uma grande casa em estilo Tudor, com piscina e parque, é uma atração da cidade.

A infância de Diana foi resguardada e sua educação rigorosa. "Os Oughton nunca deixavam as crianças andarem soltas", diz sua ama, Ruth Moreheart. "Diana não tinha licença de fazer uma porção de coisas que outras crianças faziam. Quando ia a algum lugar era, em geral, na companhia dos pais." Mas seu pai, um homem culto e elegante, e sua mãe, alta e graciosa, gostavam de manter animada a conversa durante o jantar e encorajavam suas quatro filhas—Diana era a mais velha—a discutirem quaisquer idéias que lhes interessassem.

A fortuna da família, de muitos milhões de dólares, fazia Diana sentir-se um tanto diferente de suas colegas. Costumavam chamá-la "Caixa Forte"—mágoa que ela guardou até à morte.

Aos 14 anos Diana deixou Dwight para estudar no Colégio Madeira, em

Greenway, Virgínia, onde encontrou terrenos verdejantes e ondulados, jardins bem tratados, gente da categoria social a que ela pertencia. No seu quarto e último ano decidiu continuar seus estudos no Bryn Mawr College.

Quando Diana chegou a Bryn Mawr, no outono de 1959, era uma moça alta e angulosa, com cabelos louros e curtos e mãos aristocráticas. Republicana, ela era contra a previdência social, os regulamentos bancários federais e tudo o mais que cheirasse a "liberalismo". Defendia ardorosamente o direito à propriedade agrária que o pai tinha em Alabama, sustentando que êle tratava os seus lavradores muito bem e com tôda a equidade.

Logo se tornou conhecida como uma caloura alegre e divertida. Estudava pouco, mas conseguia boas notas. Saía com rapazes quase todo fim-de-semana. "Não era especialmente bonita", disse um jovem que a conheceu. "Tinha o rosto redondo e um nariz engraçado, mas era tão viva e cheia de encanto que todos simpatizavam demais com ela."

Sob a Superfície. Em 1961, com 19 anos, Diana foi estudar um ano na Universidade de Munique. Mergulhou na cultura alemã e aprendeu a língua com facilidade. Fêz amizade com estudantes alemães e freqüentemente era vista tarde da noite nos cafés, discutindo problemas americanos—problemas que mais tarde ela decidiu que só poderiam ser solucionados pela violência.

No fim da sua permanência, quando encontrou alguns parentes em Roma, Diana súbitamente os viu sob uma luz diferente, embora os conhecesse desde a infância. "Eu não tinha idéia de que existisse gente assim", escreveu ela numa carta aos pais, na primavera de 1962. "Ela [a parenta] não quer saber de ninguém que não seja 'bem'. Acha-me uma pobre coitada, com todos êsses camponeses alemães me cercando. Fiquei espantadíssima."

Naquela fase a política ainda não era um fator na vida de Diana. Ela continuava a ser uma estudante brincalhona, jovial e confiante. Os que a conheciam melhor, contudo, viam surgir novas qualidades por baixo da espuma, vislumbavam uma mulher mais séria, mais interessada, que gradualmente ia-se desprendendo do mundo privilegiado de sua infância.

No seu quarto ano em Bryn Mawr, Diana começou a trabalhar num projeto na Filadélfia para ensinar crianças do gueto negro; embora cada professor, em princípio, devesse ter a seu cuidado apenas uma criança, ela em breve tinha três. A êsse projeto passou a dedicar a maior parte do que devia ser o seu tempo de estudo.

O resto do tempo era destinado a animadas discussões, que iam até tarde da noite, sôbre o futuro da América. Ela evitava festas e bailes, e na sua formatura, em junho de 1963, para decepção dos pais, mostrou-se desinteressada pelas festividades.

Sementes do Desencanto. Apesar de sua experiência como professora

no gueto negro, Diana só começou realmente a saber o que era a pobreza quando foi à Guatemala, sob os auspícios do programa VISA (*Volunteer International Service Assignments*, Tarefas Voluntárias Internacionais), organizado pelos quacres. A moça que dirigia o centro de treinamento do VISA sentiu que a educação privilegiada de Diana seria uma desvantagem, e tentou dissuadi-la de assumir uma tarefa solitária numa região atrasada no interior. Entretanto, Diana recusou qualquer tratamento especial e foi designada para a remota localidade indígena de Chichicastenango.

Ao chegar lá ficou impressionada com a esfuziante vitalidade da aldeia, com as blusas coloridas dos índios, o mercado barulhento, as florestas e montanhas em redor. Mas pouco a pouco Diana começou a ver outras coisas: a saúde precária dos índios, sua baixa estatura, os caixões para enterrar crianças, vendidos em grande número no mercado.

Mergulhou no trabalho, aprendendo depressa a falar correntemente o espanhol, ajudando os padres católicos locais no lançamento de um programa de nutrição, editando um jornal para adultos que tinham acabado de aprender a ler, ajudando a cuidar das crianças que enchiam a cidade.

Depois de estar vários meses na Guatemala, Diana encontrou um jovem bolsista da Fundação Fulbright, que dirigia um programa de leitura experimental na penitenciária da

capital guatemalteca. Longas conversas com prisioneiros políticos haviam tornado êsse rapaz cético quanto às possibilidades de uma mudança pacífica no país. Quando Diana lhe falou do trabalho que estava fazendo, êle declarou que a pobreza dos índios nunca iria acabar, porque o VISA tratava dos sintomas da pobreza, não de suas causas básicas.

“Você só está atrasando a revolução”, disse êle. E mencionou a experiência de outro bolsista Fulbright, que planejara passar um ano estudando a estrutura empresarial do país, mas completara o seu projeto em uma semana: *não havia* estrutura empresarial—foi a sua conclusão—mas apenas um punhado de famílias dominantes.

A uma voluntária do VISA que vivia numa cidadezinha a 25 km de Chichicastenango, Diana confessou que às vezes duvidava de poder fazer alguma coisa para melhorar a vida dos índios. Em certos momentos orgulhava-se de ter ensinado uns 50 índios a ler em espanhol, mas depois pensava: “E daí? O país continua com 70% de analfabetos.”

Apesar dessas dúvidas, no entanto, Diana dedicava-se totalmente ao seu trabalho. Fêz questão de procurar uma casa simples, quase primitiva, para viver. Ela própria ia buscar água, cozinhava com lenha, lia à luz de vela, lavava sua roupa, já bastante remendada, numa grande tina de madeira. Sua porta estava sempre aberta e as crianças da vizinhança entravam e saíam livremente.

Ao mesmo tempo Diana ia experimentando uma crescente aversão pelos americanos que chegavam a Chichicastenango e se hospedavam no luxuoso Mayan Inn, gastando numa semana um dinheiro que daria para sustentar uma família índia durante um ano.

Pouco a pouco Diana chegou à conclusão de que a ajuda econômica americana não tinha outro efeito senão o de manter os privilégios das famílias dominantes da Guatemala, sem jamais atingir a ampla massa do povo. Quando partiu, levava uma visão inteiramente nova dos problemas dos povos subdesenvolvidos e do papel dos Estados Unidos na luta para resolver tais problemas.

No Movimento Radical. Quando Diana voltou aos Estados Unidos, no outono de 1965, a família achou que ela havia perdido muito do seu senso de humor e do seu espírito jovial. Os amigos viam-na preocupada com o modo de vida da família; observavam que era difícil para ela, depois de morar dois anos numa cabana sem luz elétrica, sem água encanada, habituar-se novamente ao luxo da mansão de Dwight. Preferia lavar os pratos em vez de usar a máquina; esquadrihava o sótão à procura de uma saia ou de um suéter velhos, ao invés de comprar novos.

Empregou-se como professora num programa federal de alfabetização de adultos em Filadélfia, mas logo se desiludiu com os colegas, os quais, como disse, não se interessavam pelos alunos, saíam correndo logo de-

pois das aulas e apenas estavam "tratando de faturar mais 100 dólares por semana".

No princípio de 1966, Diana foi para Ann Arbor, matriculando-se na Universidade de Michigan para fazer o seu doutorado em Educação. Vivia pobrementemente, recusando-se a receber dinheiro do pai. "Não quero que você me mande mesada", escreveu ela em março de 1967. "Acho que com 25 anos eu tenho o direito de viver da maneira que entenda, sem me sentir culpada porque o meu modo de vida desagrade a vocês."

Em Ann Arbor, Diana cooperou na Escola da Comunidade Infantil, cujo objetivo era criar um ambiente integrado, onde crianças negras e brancas fôsem tratadas da mesma maneira, e dar aulas não-estruturadas, nas quais os meninos escolhessem o que queriam aprender. Não havia aulas nem notas e os garotos podiam entrar e sair quando quisessem. A criança aprendia a ler ou a escrever somente se manifestasse desejo de fazê-lo. Dedicava-se mais tempo a passeios, geralmente sugeridos pelas crianças, do que às aulas.

Na primavera de 1968 a escola começou a enfrentar problemas graves. Alguns membros da congregação religiosa que era dona do prédio começavam a queixar-se de que os meninos estavam marcando as paredes e danificando a propriedade. Pais negros acusavam a escola de não ensinar seus filhos a ler ou de não prepará-los para a vida da maneira que esperavam. Em junho o comitê local

da agência federal que financiava a escola cortou-lhe a verba de auxílio.

Nessa escola Diana conheceu e ligou-se intimamente a um rapaz chamado Bill Ayers, filho do presidente da Commonwealth Edison Company, de Chicago. Membro do grupo Weatherman, mais tarde denunciado como participante de uma trama terrorista, Ayers exerceria uma poderosa influência sobre Diana até à morte dela. Em princípios de 1968 passaram a viver juntos.

Desiludidos com o fechamento da escola, Bill e Diana transferiram-se para Chicago, onde começaram a trabalhar no escritório central da SDS (*Students for a Democratic Society*, Estudantes por Uma Sociedade Democrática). Diana foi profundamente afetada pelas demonstrações por ocasião da convenção nacional do Partido Democrata, em agosto, e com o que considerou como "violência policial" naquele episódio. Os dois voltaram a Ann Arbor no outono, já com disposição para a militância. Na primeira reunião da seção da SDS em Ann Arbor patenteou-se uma nítida cisão no grupo. Diana e Bill, com mais 40 outros radicais, uniram-se contra os moderados, formando uma facção chamada "Bando Jesse James". Preconizavam ação direta em vez de palavras, confrontos individuais violentos em vez de marchas pacíficas.

O Bando Jesse James acabou triunfando dentro da SDS. Mediante violentas interrupções de assembleias e ocasionais ameaças de violência física

contra um ou outro líder, êles forçaram os moderados, embora êstes fôssem maioria, a deixar a organização e formar seu próprio grupo.

Bill Ayers era uma força preponderante no Bando Jesse James, sobretudo graças à sua capacidade de dominar um grupo pela simpatia ou pelo volume da voz. Diana, alvo de freqüentes piadas no sentido de que podia se dar ao luxo de ser revolucionária porque tinha papai rico, empenhou-se em conquistar um lugar permanente no movimento. Tornou-se ativa no movimento de Libertação da Mulher no final de 1968, e já no princípio do ano seguinte organizava a "Semana de Cuba" no campus de Ann Arbor—uma série de filmes e seminários sobre a revolução cubana. Agora já não era mais conhecida apenas como uma seguidora de Bill Ayers, mas como "irmã", com plenos direitos.

Enquanto isto, afastava-se cada vez mais de sua família. Em 9 de dezembro de 1968 escreveu uma de suas últimas cartas para casa: "Torna-se mais difícil e eu reluto cada vez mais em me justificar a todo momento perante vocês. Sinto-me como uma pessoa moral, sinto que minha vida são os meus valores, e que a maioria das pessoas de minha idade, e até mais jovens, entregaram-se ao materialismo, ao conforto, à hipocrisia, pisando em cima de outras pessoas. . . . Sinto-me parte de uma vanguarda, onde falamos sobre a importante mudança que vem aí."

Obsessão Ideológica. Durante os

nove últimos meses de sua vida as relações de Diana com a família entraram numa tensão crescente. A intensidade apaixonada com que a SDS vivia as suas idéias políticas criava em Diana um estado de espírito que seu pai, mais tarde, chamou “uma espécie de histeria intelectual”. Ele achava Diana cada vez menos disposta a conversar sobre política, e cada vez mais exaltada quando o fazia. Por fim ela acabou recusando-se em definitivo a falar sobre o assunto. “Já tomei minha decisão, papai”, disse-lhe. “Não faz sentido falar nisso.”

Quando ia em casa geralmente levava um grupo de amigos. Seu pai tentava discutir política com eles, mas em vão. Respondiam às perguntas com risadas e uma descrença afetada, seguros uns dos outros e absolutamente desinteressados nas idéias de qualquer pessoa fora do grupo.

Certa ocasião a Sr.^a Oughton ficou profundamente ressentida quando Diana e os amigos zombaram abertamente dela, quando ela lhes perguntou sobre suas idéias políticas. O pai de Diana se lembra de quando o rapaz negro que cortava a grama do jardim perguntou aos amigos de Diana em que acreditavam. Apesar de seu engajamento na revolução negra e na luta contra o racismo nos Estados Unidos, a turma limitou-se a rir do rapaz.

A dificuldade de Diana em dialogar com os pais era, pelo menos em parte, o resultado da obsessão ideológica que constituía a marca da

SDS. Como todo movimento radical em 1969, a SDS achava que sua penetração pública estava declinando inexoravelmente à medida que a guerra do Vietname saía da primeira página dos jornais graças ao Presidente Nixon. Era evidente que o país não levava a sério o fervor revolucionário da SDS, e muitos membros tornavam-se cada vez mais descontentes com uma estratégia que levaria 30 anos para funcionar. Queriam agir.

Em junho, numa convenção caótica, a SDS se dividiu em facções hostis. O Weatherman,* um pequeno grupo de extremistas que achavam que era chegado o momento de irem às ruas com um “Exército Vermelho” bem treinado, tomou conta do órgão central da entidade. Pouco depois anunciaram-se planos para uma batalha supermilitante a ser travada em outubro com a polícia de Chicago.

Tanto Bill Ayers como Diana eram membros do Weatherman, e em agosto Diana foi escolhida para participar de uma viagem a Cuba como membro de uma delegação estudantil. O grupo passou a maior parte da viagem em encontros secretos com cubanos e norte-vietnamitas.

Sexo, Violência, Disciplina. Na volta Diana viveria uma das mais

* O nome, ao que tudo indica, foi tirado da letra de uma canção popular, “Subterranean Homesick Blues”, que diz: “Não é preciso um meteorologista (Weatherman) para saber de que lado o vento sopra.”

angustiantes experiências de sua vida. A fim de preparar-se para a violência, o Weatherman organizara diversos "coletivos" que se dedicavam a intensas sessões de autocrítica destinadas a destruir em cada um dos participantes os sentidos de propriedade e individualidade, até mesmo suas resistências mais profundas ao tipo de vida que levavam.

Em várias cidades do país unidas de 12 a 30 membros do Weatherman se entrincheiraram em casas alugadas. Puseram fechaduras duplas em tôdas as portas e tela de arame nas janelas para impedir que inimigos, reais ou imaginários, atirassem bombas. Lá dentro discutiam política as 24 horas do dia, levando uma vida que se caracterizava pelo abandono completo de todos os confortos. As roupas eram jogadas por tôda parte, a comida se estragava nos pratos não lavados, as privadas estavam enguiçadas e as môsças enxameavam nas cozinhas cheias de talheres sujos e comida derramada.

Todo o dinheiro ia para um fundo comum; qualquer despesa era assunto de decisão coletiva. Quando era preciso dinheiro para pagar fiança de alguém, para comprar armas, ou, mais tarde, explosivos, os membros ficavam dias sem comer. Em outras ocasiões deixavam deliberadamente de dormir durante dois dias ou mais, a fim de apurar o espírito de disciplina que consideravam necessário para criar um Exército Vermelho dentro dos Estados Unidos.

Em várias oportunidades os cole-

tivos tomavam LSD, haxixe ou outras drogas e entregavam-se a orgias. As relações sexuais tornaram-se obrigatórias entre todos os membros, e casais formados de longa data recebiam às vêzes ordem de separar-se. Diana e Bill foram um dos casais intimados a se separarem durante êsse período.

Diana viveu em coletivos em Detroit e Flint, Míchigan. Um amigo que a viu durante êsses meses achou-a profundamente perturbada. Ela era contra os excessos sexuais e a ênfase na violência, e foi por isso brutalmente criticada. Apesar de suas apreensões, continuou fiel à revolução e declarou-se disposta a acabar com tôdas as "inibições burguesas".

As tentativas de autotransformação convertiam os coletivos em grupos violentos, numa atmosfera emocional quase selvagem. As reuniões de autocrítica levavam inevitavelmente a ressentimentos e a queixas reprimidas. As pessoas tornavam-se rígidas, perdiam a naturalidade, com medo de serem atacadas, talvez mesmo expurgadas se fôssem consideradas vacilantes no seu compromisso com a revolução.

Os aspectos militantes do treinamento—caratê, tiro ao alvo, prática de luta de rua—eram prejudicados pela atmosfera caótica dos coletivos, onde todos estavam sempre exaustos e mal alimentados. Contudo, por um tremendo esforço de vontade, aquêles jovens de classe média conseguiram preparar-se emocionalmente, senão taticamente, para a

luta aberta com a polícia de Chicago em outubro.

Batalha nas Ruas. Os líderes do Weatherman declaravam publicamente que pelo menos 10.000 pessoas chegariam a Chicago para a confrontação—os “Dias da Raiva”. Em particular contavam que aparecessem umas 5.000 e na realidade esperavam não menos de 2.500. Mas quando levaram a efeito sua primeira ação no Parque Lincoln, de Chicago, no dia 8 de outubro, apenas 300 membros do Weatherman, de capacetes e jaquetas de zuarte, apareceram para a luta. Assim mesmo o grupo entrou em ação, com uma carga através das áreas de Loop e Gold Coast (respectivamente zona comercial e bairro residencial da classe alta), quebrando vitrinas e janelas. Mais de 50 foram presos.

No dia seguinte Diana juntou-se a 70 mulheres do grupo para uma ação 100% feminina. Viram-se superadas em número pela polícia, que permitiu a concentração, mas ameaçou prendê-las se se dispersassem sem largarem os seus capacetes e os bastões compridos e pesados com bandeiras do Vietcong.

Algumas mulheres, inclusive Diana, rilharam os dentes e avançaram sobre a linha policial. Foram imediatamente dominadas. Diana foi presa e fichada, e teve permissão de telefonar para casa. O pai foi imediatamente a Chicago para depositar a fiança. Quando foi solta parecia submissa, e pouco falou ao entrar no carro com o pai.

—Por que você não vem passar uns dias em Dwight?—perguntou Oughton.

—Não—disse ela rapidamente.—Tenho um encontro importante em Evanston.

Quando o carro parou defronte de uma igreja em Evanston, que estava sendo usada pelo Weatherman como sede provisória, Diana se despediu rapidamente e saltou. Não olhou para trás enquanto o pai se afastava.

As polícias de Chicago e Evanston deram uma batida de surpresa na igreja, na manhã de sábado, 11 de outubro. Foram presos 43 membros do Weatherman, mas Diana conseguiu fugir pulando uma janela. Durante a tarde os membros do Weatherman que ainda estavam em liberdade, usando capacetes e jaquetas de zuarte com bandeiras do Vietcong costuradas nas costas, saíram pelas ruas de Chicago num motim final. Quando tudo terminou, 103 tinham sido presos e a polícia caçava os restantes.

Diana, mudando de idéia temporariamente, resolveu ir para casa em Dwight, onde ficou alguns dias, descansando e comendo vorazmente. Estava muito animada. Apesar das prisões, do milhão de dólares em fianças e dos ferimentos (três membros do Weatherman tinham sido feridos a bala e dezenas violentamente espancados), ela achava que fôra criado um núcleo do Exército Vermelho.

A mãe estava desesperada com a idéia da filha lutando nas ruas.

—Você vai piorar ainda mais as coisas—disse ela.—Você acaba sendo morta.

—É a única maneira, mamãe—disse Diana.—É a única maneira.

Catástrofe. Diana tornou a ver a família no Natal. Não levou nenhum presente, mas pareceu alegrar-se—pela primeira vez em anos—com os que recebeu: uma camisa e calças compridas, da mãe; um suéter grosso de pescador, da irmã Carol. Apesar da insistência da família para que ficasse, ela foi embora pouco depois do almoço de Natal.

De tarde Diana voltou a Flint, ajudando nos preparativos finais para o Conselho de Guerra Weatherman, que devia começar a 27 de dezembro. Era uma reunião aberta, de quatro dias de duração, que atraía tanta atenção da polícia estadual e do FBI quanto do movimento radical. Foi a última tentativa do grupo Weatherman para persuadir um grande número de jovens a entrar para o Exército Vermelho.

Só 400 pessoas compareceram à reunião de Flint. Ao invés de expandir o Exército Vermelho, ela afastou muitos que acreditavam na revolução, mas não consideravam que a violência cega e o vandalismo fôssem atos verdadeiramente revolucionários. O fracasso do Conselho tornou-se evidente para os líderes do Weatherman e eles passaram a maior parte do tempo confabulando secretamente num seminário do outro lado da cidade. Adeptos da violência como única resposta possível ao “im-

perialismo” e ao “racismo” norteamericanos resolveram passar ao terrorismo declarado. Antes de encerrado o Conselho decidiram que a organização romperia definitivamente com a sociedade e se tornaria totalmente clandestina.

Na primeira semana de março, Diana foi para Nova York e instalou-se na Rua 11, 18 West, numa casa de Greenwich Village que pertencia a James Wilkerson, um próspero homem de publicidade, proprietário de uma pequena cadeia de estações de rádio no Meio-Oeste. Também moravam na casa, enquanto o casal Wilkerson estava de férias, Ted Gold, que fizera a viagem a Cuba com Diana; Terry Robbins, um organizador da SDS; Cathy Wilkerson, filha de James; e possivelmente Kathy Boudin, que se formara em Bryn Mawr dois anos depois de Diana.

A única pessoa com quem Diana manteve contato em Nova York foi um amigo dos seus tempos de Guatemala, que estava planejando uma viagem pela América Latina para colher informações sobre os movimentos de guerrilha. Conversaram sobre política, e Diana disse ao amigo que ainda acreditava que o único caminho a seguir pelos radicais americanos era a criação de um Exército Vermelho nos Estados Unidos. Admitia que os “Dias da Raiva” em Chicago tinham fracassado ao menos parcialmente, que o Conselho de Guerra de Flint enfraquecera o Weatherman, e que a revolução era impossível sem o apoio das massas. Mas

insistia em que seu papel era lutar de qualquer maneira possível.

—Ainda estamos aprendendo— disse ela ao amigo.—Vamos cometer erros.

Alguns dias depois um dêesses erros pôs têrmo à sua vida.

O artefato que explodiu na casa dos Wilkerson era uma bomba destinada a matar gente. Era feita de dinamite cheia de enormes pregos que funcionariam como estilhaços. Sua tremenda fôrça deixou o edifício tão despedaçado e destroçado que só se encontrou o corpo de Diana quatro dias depois, perto de uma mesa de carpinteiro no porão. Os restos mortais não puderam ser identificados. O médico legista disse que ela devia estar a mais ou menos meio metro de distância quando a bomba explodiu. É possível mesmo que a bomba tivesse explodido em suas mãos.

Outro corpo, identificado sem certeza absoluta como o de Terry Robbins, foi também encontrado junto à bancada. Procurando entre os destroços, os policiais acharam mais de 50 bananas de dinamite e quatro bombas intatas, qualificadas como altamente perigosas.

Onze dias depois da explosão um detetive encontrou a ponta do dedo mínimo da mão direita de Diana. Uma impressão tirada do dedo foi identificada pelo FBI e, naquela noite, a polícia de Nova York comunicou o fato ao pequeno departamento de polícia de Dwight, Illinois. Um policial de Dwight foi à casa dos

Oughton e informou à Sr.^a Oughton que sua filha estava morta.

Por quê? Diana Oughton foi uma das vítimas na longa onda de violência da década de 60 nos Estados Unidos, uma onda que ainda não terminou. Mas por que Diana e outros filhos de gente rica—pois os membros do Weatherman são produtos das classes privilegiadas norte-americanas—se tornaram os mais violentos de todos?

Não foi por acaso. Seus pais e professores, num estado de espírito defensivo, os funcionários do govêrno que esperavam que êles simplesmente desaparecessem, até mesmo os negros que êles diziam querer ajudar, todos deram a entender desdenhosamente que êles eram soldados de verão que se recolheriam ao seio da classe média quando a coisa esquentasse. Com tôdas as suas ameaças de derrubada do sistema, nunca foram tomados muito a sério.

Só quando se tornaram criminosos é que os membros do Weatherman provaram cabalmente que falavam sério. Consideravam como inimigos a sua classe, suas famílias, a si mesmos; e não eram capazes de acreditar em si enquanto não se voltassem contra o mundo que os gerara. Em Dwight, Diana odiara ser rica; na Guatemala, odiara ser norte-americana; no grupo Weatherman, finalmente, chegara a odiar-se a si mesma. De outra maneira, como poderia haver tentado, a um tal preço em sofrimento, destruir tudo o que ela era?